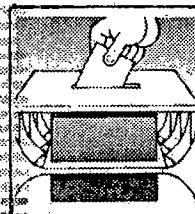


Um candidato na mira dos partidos

Collor, com 32% das intenções de voto, é agora o alvo preferido dos adversários

ELIANE CANTANHÊDE



BRASÍLIA — O rápido crescimento da candidatura Fernando Collor de Mello, do PRN, embaralhou o jogo político que os candidatos e partidos de centro-direita começaram a armar no ano passado, com o término da Constituinte. O tabuleiro desse jogo desenhava a eleição em três turnos, com candidatos de diferentes partidos tacitamente comprometidos com o apoio, às vésperas de 15 de novembro, ao que tivesse maiores chances de vitória. O adversário seria a esquerda, representada por Leonel Brizola, do PDT e, secundariamente, Luiz Inácio Lula da Silva, do PT.

Collor de Mello, assim, é um expressivo fato novo: não participa do jogo da centro-direita, nem se encaixa no time adversário, de esquerda. Ao chegar a inesperados 32% nas pesquisas, ele desestabiliza campanhas, força a reavaliação de métodos e discurso, altera o destino das dissidências e se transforma em personagem obrigatório de reuniões a portas fechadas das coordenações de campanha — e não só das de centro-direita. Collor, hoje, é o principal alvo de todos os candidatos e partidos.

Reforçando sua imagem de intuitivo na política, Brizola foi o primeiro a se eleger o anti-Collor da campanha: afinal, polemizar com o preferido das pesquisas sempre rende lugares eleitorais principalmente para quem está em segundo lugar, tem boas chances de chegar ao



segundo turno e é, portanto, o aglutinador potencial das forças opostas à centro-direita. Na quarta-feira, por exemplo, Lula não só admitiu a possibilidade de Collor ser um dos dois mais votados em 15 de novembro, como abriu uma discreta porta para o apoio a Brizola, no desempate final.

Dois dias antes, os líderes e parlamentares do PMDB, PFL, PSDB e PDT haviam ocupado os microfones da tribuna da Câmara com acusações contra Collor. Íbsen Pinheiro, do PMDB, chamou o candidato do PRN de "homem de palha" e passou o resto da tarde denunciando "a farsa" de Collor, que nega ao

povo sua condição de político: "Ele é filho e neto de políticos. Foi prefeito de Maceió por nomeação da ditadura militar e foi deputado federal do PDS, quando, aliás, votou em Paulo Maluf para presidente", lembrou o líder peemedebista.

Todas as lideranças desses partidos, mais as do PT e PCB, frisam que não há, na história eleitoral brasileira, exemplos de candidatos que tenham se mantido na dianteira das pesquisas durante longos seis meses e, ao final, tenham vencido as eleições. O senador Affonso Camargo (PR), candidato a candidato do PTB, opta por uma análise mais fria.

Segundo ele, Collor deve chegar ao pico das pesquisas em junho, com cerca de 40%, e depois vai começar a cair. "Se despencar, alguém vai entrar no seu vácuo com o mesmo discurso da moralidade", prevê o senador. "Mas se cair só um pouco, continuará com chances de chegar ao segundo turno e, aí, o Auréliano, o Jânio e eu estaremos mortos", conclui.

DESCONTENTES

Collor já tirou votos do jovem e opositorista Lula, à esquerda. Tirou também o entusiasmo pelo experiente e governista Jânio, à direita. Mas, principalmente, Collor mostrou que a eleição não vai ser ideológica, independe da força partidária, por isso ele prestigia o discurso do contra e dismantela a importância dos acordos políticos na campanha.

"O povo não está votando de acordo com os parlamentares. Os parlamentares é que estão correndo atrás das pesquisas", constata o mesmo Affonso Camargo. O candidato do PRN está recebendo diferenciados apoios de deputados e senadores descontentes com as opções de seus partidos. No dia 9 de junho, por exemplo, o PDS de Santa Catarina estará entrando na sua onda eleitoral.

Collor vai ter de enfrentar duros discursos de todos os seus adversários e ainda é cedo para apostar na vitória, acreditam dirigentes de diferentes partidos. Entretanto, ele tem o mérito de deflagrar de vez a campanha, fornecendo bons dados de análises para os candidatos e eliminando os de pouca chance. "É o limpa-trilho desta eleição", diz Afif Domingos, do PL, opinando que Collor está definindo as regras básicas de uma campanha que só produzirá favoritos reais muito mais adiante.